

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - Liberdade
28 de Março de 2024

LIBERTY / 1929 (Liberdade)

Realização: Leo McCarey / *Argumento:* Leo McCarey, H.M. Walker / *Fotografia:* George Stevens / *Montagem:* Richard C. Currier, William H. Terhune / *Intérpretes:* Stan Laurel, Oliver Hardy, James Finlayson, Tom Kennedy, Sam Lufkin, Jack Hill, Harry Bernard, Jean Harlow, Ed Brandenburg.
Produtor: Hal Roach / *Cópia:* dcp, preto e branco, mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português, 18 minutos.

Juntamente com **We Faw Down, Wrong Again, That's My Wife** e **Big Business**, também dirigidas por Leo McCarey, **Liberty** é uma das mais lendárias curtas-metragens de Laurel e Hardy.

O prólogo é logo um primor de ironia. Depois de descrever a constante luta pela liberdade por americanos ilustres, a legenda indica que a mesma luta prossegue hoje em dia. Em vez de qualquer manifesto político, o que vemos a abrir é Laurel e Hardy, prisioneiros evadidos, perseguidos pela polícia. A possível identificação com **The Adventurer** ou **The Pilgrim**, de Chaplin, rápido se desvanece. Dois cúmplices, que nunca mais veremos, levam-nos num carro onde mudam de roupa. Toda a primeira bobina, segundo o esquema clássico destas comédias, contem uma situação própria. Esta tem a ver com as sucessivas tentativas de mudarem de calças que trocaram ao vestir a que a inesperada intrusão de um caranguejo vem trazer uma sucessão de gags. E é ele que os “empurra” para a segunda parte que é uma das sequências mais citadas em antologias de Laurel e Hardy: a sessão de equilíbrio em cima dos andaimes de um edifício em construção. Laurel e Hardy superam Harold Lloyd no seu próprio campo, dado o contraste físico entre os dois. Sequência indescritível que culmina noutro gag típico do cinema de animação futuro: o elevador que “esmaga” gigantesco polícia reduzindo ao tamanho de um anão.

Manuel Cintra Ferreira

Texto escrito por ocasião da exibição do filme no Ciclo Leo McCarey (22 de março de 1991).

MENSCHEN AM SONNTAG / 1929 “Homens ao Domingo”

*Um filme de Robert Siodmak, Edgar Ulmer,
Kurt Siodman, Billy Wilder, Fred Zinnemann*

Argumento: Billy Wilder, Kurt Siodmak e Robert Siodmak, baseado numa ideia de Kurt Siodmak / *Diretor de fotografia (35 mm, preto & branco):* Eugen Schüftan / *Supervisão artística:* Moritz Seeler / *Assistente de produção:* Fred Zinnemann / *Com as presenças de:* Erwin Splettstosser (o motorista de táxi), Wolfgang von Waltershausen (o caixeiro-viajante), Brigitte Borchert (a caixeira numa loja de gramófonos), Chirstl Ehlers (o manequim), Annie Schreyer (a mulher do motorista de táxi).

Produção: Filmstudio (Berlim) / *Cópia:* 35 mm, mudo, com intertítulos em alemão e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 74 minutos / *Estreia mundial:* 4 de Fevereiro de 1930 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 15 de Maio de 1993, no âmbito do ciclo “Ulmer”.

Música ao vivo por DANIEL SCHVETZ

Menschen am Sonntag é famoso, entre outros motivos, por reunir no seu genérico nomes que viriam a fazer carreira (por vezes grandes carreiras) no cinema americano: Billy Wilder, Robert Siodmak, Edgar Ulmer, Eugen Schüftan e Fred Zinnemann. Se a decisiva influência da imigração europeia, sobretudo centro-europeia e alemã, sobre o cinema americano é conhecida e

reconhecida, não é provável que em nenhum outro filme estejam reunidos tantos nomes destinados a serem famosos e influentes. E isto é ainda mais surpreendente quando se lê num dos primeiros intertítulos que este é "*um filme de e para amadores*", uma afirmação ao mesmo tempo modesta e verdadeira, se tomarmos a palavra *amador* no sentido etimológico e se virmos nesta revindicação do amadorismo uma oposição ao cinema de estúdio, aos grandes artifícios. Mas, independentemente desta característica, exterior ao filme propriamente dito, **Menschen am Sonntag** é um belo momento de cinema, um exemplo dos *filmes sem argumento*, como se dizia nos 20 (Buñuel usa esta expressão num artigo deste decénio sobre **Rien que les Heures**, de Alberto Cavalcanti), de que há tantos outros exemplos neste período. Tratando-se de um filme alemão e mais especificamente berlinense (e Berlim é uma das grandes cidades cinematográficas da Europa, uma cidade que suscitou grandes filmes, como Paris ou Roma), também pode ser visto como uma variante de **Berlin, Symphonie eine Grosstadt**, de Walter Ruttmann, a mais célebre e certamente uma das melhores entre as muitas *sinfonias das cidades* realizadas em fins dos anos 20 em Paris, Moscovo, Praga e até em Ostende, São Paulo e Lisboa. Neste sentido, **Menschen am Sonntag** também é um comovente documento sobre uma cidade destinada a desaparecer em breve, a Berlim do cabaret e de todas as artes, de que é um reflexo, antes que o nazismo destruísse este espírito e a guerra viesse destruir fisicamente quase tudo o que vemos neste filme. Talvez haja também no filme uma lembrança e até uma homenagem a **Sunrise**, obra-prima tão alemã quão americana realizada dois anos antes, com o tema do passeio como escapada à vida de todos os dias, o passeio como um momento de sonho, quase mágico, embora no filme de Murnau os personagens saiam do campo para a cidade, num movimento inverso ao destes homens no Domingo.

O "amadorismo" de que fala o intertítulo citado talvez se refira ao facto deste filme ter sido realizado na rua, unicamente em cenários naturais, com não-atores, que na chamada vida real desempenhavam as mesmas funções que têm no filme (motorista de táxi, caixeira, etc.). São pessoas comuns, personagens que parecem saídos da sinfonia da metrópole de Ruttmann para serem mostrados de perto e transformados em indivíduos. **Menschen am Sonntag** é um filme sobre a felicidade, a efémera e simples felicidade que pode proporcionar a vida de todos os dias, um passeio ao campo, um passeio à água. A água é o sexto protagonista do filme. Este é inteiramente baseado na ideia de movimento, movimento da cidade para a beira do lago e da beira do lago para as suas águas. É a água do lago que reúne realmente os personagens e que suscita os momentos de felicidade, a ausência das contingências de todos os dias, a eclosão do desejo erótico. A água é assim ao mesmo tempo um tema visual e um tema narrativo e é também uma materialização da fluidez neste filme sobre o tempo, sobre a breve eternidade de uma tarde de Domingo. E as águas do lago São Nicolau são associadas à luz, pois ao cair do dia os personagens deverão regressar à cidade. Há algo de anónimo nesta história coletiva e por isto mesmo de universal.

Menschen am Sonntag levanta ainda outras questões, sem resposta precisa, questões menores diante da beleza do objeto cinematográfico propriamente dito: qual foi a exata participação no filme de cada um dos seus futuramente famosos colaboradores, o que há neste filme que antecipe o futuro trabalho de Robert Siodmak (mestre do filme negro), Wilder (mestre de muita coisa, de modo mais evidente a comédia e a "batalha dos sexos"), Zinnemann (única futura mediocridade entre os autores do filme, mas também o único a ter realizado documentários), Ulmer (o mais inclassificável destes cineastas)? Num artigo dos anos 70, Richard Combs especulou sobre este aspecto e apontou o que considerava nítidas influências sobre o resultado final: Murnau e Lubitsch, o primeiro para a "*coreografia da cidade*", o segundo para os detalhes humorísticos. Mas o texto de Combs baseia-se em filmes passados e futuros, em detrimento do presente, do filme propriamente dito. Não há nada em **Menschen am Sonntag** que anuncie de modo preciso as obras futuras dos seus autores, há ao contrário muita coisa que indica a que ponto eles todos tinham assimilado a essência do cinema como arte moderna, como entidade autónoma, vinda de horizontes variados e que na Berlim do período 1920-33 atingiria um nível altíssimo. **Menschen am Sonntag** é um filme sobre Berlim, sobre a Berlim deste período e também é um filme sobre a cidade no século XX e sobre o cinema.

Antonio Rodrigues